

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**AMANDA THAMARA DA SILVA FERREIRA**

**MALI - UMA COSMOVISÃO FLUIDA NA ÁFRICA NEGRA (XIII – XVI)**

**TEFÉ/AM**

**2021**

AMANDA THAMARA DA SILVA FERREIRA

MALI - UMA COSMOVISÃO FLUIDA NA ÁFRICA NEGRA (XIII – XVI)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para obtenção do grau de  
Licenciada em História pela Universidade do  
Estado do Amazonas- UEA/CEST.

Orientador: Prof. Me. Tenner Inauhiny Abreu

TEFÉ/AM

2021

## Ficha Catalográfica

A484m

Ferreira, Amanda Thamara da Silva  
Mali: uma cosmovisão fluida na África  
Negra (XIII -XVI) / Amanda Thamara da Silva  
Ferreira. Manaus :[s.n], 2021.  
44 f.: il.; 31 cm.

TCC - Graduação em História -  
Licenciatura - Universidade do Estado do  
Amazonas, Manaus, 2021.

Inclui bibliografia

Orientador: Tenner Inauhiny de Abreu.

1. Mali;. 2. Grupos étnicos;. 3. Sujeitos;. 4.  
Esteriótipos.. I. Tenner Inauhiny de Abreu  
(Orient.). II. Universidade do Estado do  
Amazonas. III. Mali: uma cosmovisão fluida na  
África Negra (XIII - XVI).

AMANDA THAMARA DA SILVA FERREIRA

MALI - UMA COSMOVISÃO FLUIDA NA ÁFRICA NEGRA (XIII – XVI)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciada em História pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CEST. Sob orientação do Prof. Me. Tenner Inauhiny Abreu.

**Aprovado em** \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Prof. Me. Tenner Inauhiny Abreu

---

Prof. Me. Jubrael Mesquita da Silva

---

Prof. Me. Sidney Barata de Aguiar

**TEFÉ/AM**  
**2021**

É nesse momento que finalizamos um ciclo; o sentimento de gratidão bate na porta nos fazendo lembrar daqueles momentos épicos que enfrentamos um dragão que representa todas as nossas inseguranças, fraquezas e medo durante a trajetória, assim nada mais justo dedicar as pessoas nas quais me ensinaram a brandir a espada, e é dessa forma que as minhas duas mães surgem, uma delas sendo a de coração e a outra de sangue; obrigado por me ensinarem a nunca desistir dos meus sonhos e me apoiarem durante todo esse percurso.

Continuando, dedico ao meu avô, por me fazer sorrir quando eu só tinha vontade de chorar, e ao meu pai; eu sei que o senhor é um homem cheio de defeitos e manias, e se um dia ler isso, saiba que o seu apoio me fez chegar até aqui.

Provérbio Mali: “É de uma pequena semente que nasce uma grande árvore”.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desvendar a magnitude que tem em nossos traços os resquícios de grupos étnicos grandiosos que pertenceram ao reino de o Mali (XIII-XVI), apresentando de uma forma fluida e simples, sem preconceitos e estereótipos para aqueles que tem real interesse em conhece-la, sua forma de adentrar o ensino é cercada de imagens errôneas onde os africanos são objetos passivos é retratada rotineiramente no ambiente escolar. A África é o berço da humanidade, dessa forma é fundamental explanar e compreender a dinâmica social, o modo de vida, as organizações políticas e sociais, dado que é essencial conhecer a ancestralidade que nos norteia, para que o sentimento e verdadeiro sentido de sermos afrodescendente se aflore, para as pesquisas que retratem sobre tal temática ganhe destaque. As fontes constituintes do trabalho remetem a viajantes e comerciantes que em determinados momentos entraram em contato com o império de o Mali, do mesmo modo que historiadores africanista que seu viés de pesquisa remetem a África Ocidental. Contudo, apresentar um prisma de povos sujeitos de sua própria história e assim, provedores de uma cultura rica em valores sociais e potências econômicas que são produtoras de conhecimento científico em seu continente ganha a forma deste trabalho.

Palavras-chave: Mali, grupos étnicos, sujeitos.

## **Abstract**

This work has as its objective to unveil the magnitude of having in our traces the remnants of great ethnic groups that belonged to the kingdom of Mali, presenting us in a way without stereotypes and prejudice for those who are really interested in knowing, therefore, their way of entering teaching is surrounded by erroneous images where Africans are passive objects is often portrayed in the school environment. Africa is the cradle of humanity, so it is essential to explain and understand the social dynamics, the way of life, political and social organizations, as it is important to know the ancestry that guides us, so that the feeling and true sense of being Afro-descendant and by tensors history emerges. The work's constituent sources refer to travelers and traders who at certain times came into contact with the empire of Mali, in the same way as Africanist historians whose research biases refer to West Africa. However, presenting a prism of peoples subject to their own history and thus providers of a culture rich in social values and economic powers that are producers of scientific knowledge in their continent takes the form of this work.

Keywords: Mali, ethnic groups, subjects.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Principais sítios arqueológicos da África. ....	16
Figura 2. Estados Sudaneses. ....	20
Figura 3. Paisagem Africana.....	21
Figura 4. As Rotas Transaarianas. ....	25
Figura 5. III Mapa do Império do Mali, em 1325.....	33
Figura 6. A mais antiga mesquita de Tomboctu. ....	37
Figura 7. Santuário dogon. Escarpas de Bandiagra. Republica do Mali.....	38

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 ÁFRICA NEGRA .....</b>	<b>14</b>
1.1 VISÕES EUROCÊNTRICAS .....	14
1.2 FORMAÇÃO DA ÁFRICA OCIDENTAL .....	18
1.3 OS ESTADOS SUDANESES .....	19
1.4 REGIÕES DA ÁFRICA NEGRA .....	20
1.5 COMÉRCIO TRANSAARIANO .....	24
<b>2 MALI: UMA COSMOVISÃO FLUIDA NA ÁFRICA NEGRA (XIII-XVI).....</b>	<b>27</b>
2.1 A ÁFRICA NEGRA E A ORALIDADE.....	27
2.2 ASPECTOS DE GANA .....	27
2.3 MATRIARCADO E PATRIARCADO NA ÁFRICA NEGRA – GANA & MALI .....	29
2.4 MALI: DA ASCENSÃO AO APOGEU .....	31
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

A África é um continente muito extenso, sua formação e dinâmica social como, cultura, religião, economia, política, o ápice e decadência de vários impérios africanos, é algo complexo, dado que apresenta uma grande extensão de civilizações e culturas distintas entre si, deste modo existem várias Áfricas dentro de si. Com isso, a região específica que vou abordar é o império do Mali e sua dinâmica, tal centralidade de pesquisa contrária conceitos eurocêntricos, como Goody (2008) que remete a uma história eurocêntrica, contada a partir da Europa, trazendo uma escala em que a Europa se encontra centro e ela vai nortear todas as outras

Os novos governantes do mundo, seja lá quem forem, herdaram uma posição que foi construída pela Europa e somente pela Europa. São Técnicas europeias, exemplos europeus, ideias europeias que arrancaram o mundo não europeu de seu passado – alijando-o da Barbárie da África, e das antigas, majestáticas e vagarosas civilizações da Ásia. (GOODY, 2008 p. introdução).

A maioria dos escritos sobre o continente Africano remetem ao passado, as centralidades dos estudos norteavam a Europa ou uma visão europeia. Segundo Ki-Zerbo (2009), documentar sobre a história do continente Africano é uma tarefa essencial, sendo importante frisar que apesar da escassez de fontes (em comparação a Europa) não tem significado nenhum com a desenvoltura da sociedade ser considerada selvagem ou atrasada, pois esses são preceitos que muitas das vezes remete o ambiente escolar e até mesmo o religioso, como o Cristianismo que por não seguir o padrão europeu religioso, denegre todas as outras vertentes religiosas, os considerando selvagens e primitivos, levando até mesmo a afirmar que seus usuários não são possuidores de alma.

Com o tema principal a formação da África Ocidental e o Império do Mali e demais assuntos que remetem a África Negra e os estados sudaneses, alguns métodos têm que ser aprimorados, porquanto a história dos povos africanos tem que ser contada em conjunto, para que o modo simplista não ganhe face, dessa forma ela vai ter que remeter a três parâmetros: ancestralidade, história e cultura para que o prisma africano ganhe formato (ASSANTE, 2011).

O presente trabalho pode ser definido em relação a sua metodologia enquanto pesquisa bibliográfica. Para descrever de que maneira o império de Mali funcionava com todo o seu dinamismo social e cultural, fez necessário uma pesquisa exploratória, nas obras historiográficas a respeito da sua ascensão. O método comparativo esteve presente na pesquisa, pois ele é uma ferramenta importante para os estudos na história da África.

Quanto aos procedimentos, em primeiro lugar fez-se um levantamento sumário de artigos, dissertações, teses que tratam a temática da pesquisa. Posteriormente fez necessária a leitura das obras que analisavam a ascensão do Império de Mali até o seu declínio.

Em primeiro lugar, vai ser aberto um diálogo sobre alguns aspectos da região e o dinamismo social dos povos da África Ocidental, assim como um esboço de Gana, pois Mali vai herdar características que comunga toda sua dinâmica.

É importante salientar, que Gana foi cercada de desafios, a formação de povos e a introdução do islã, possibilitando a criação de rotas saarianas no deserto e nos centros dos reinos, apesar de o seu rei não ser convertido no Islã.

O império de Mali tem uma grande representação na história da África Ocidental, visto que ele foi o que mais se desenvolveu, tal fato abriu um leque de possibilidades para a criação de diversos grupos étnicos. Essa multiculturalidade foi possível graças ao Magreb, as rotas comerciais e a expansão do islã. Grande parte das fontes norteadoras sobre respectiva afirmativa são Al - Bakri na narrativa Descrição da África Setentrional (1965) e do historiador africanista Aberto da Costa e Silva (2011) na sua obra A lança e a enxada.

Alguns pioneiros que se tem discursos sobre a África não pode ser estudada, já que não se tinham história como Maurice Delafosse (1925) e Leo Frobenius (2010), tais afirmações não contribuíram em nada para a História da África, só a deixaram sem história. Alguns autores se pronunciaram contra essa visão, um deles foi Alberto da Costa e Silva, escritor de diversas obras célebres que remetem a África de forma direta e indireta, que veio a favor da oralidade em relação à história de reinos africanos, a oralidade com um apoio na interdisciplinaridade impulsionou suas obras.

Os estudos começaram ganhar um enorme destaque sobre a temática africana, um deles o projeto UNESCO que procura um novo olhar sobre o continente africano, conseguindo até mesmo reescrever a história da África, através da tradição oral e da arqueologia como método de pesquisa, a diáspora de uma África possuidora de vastas cultas, reinos, dialetos, grupos étnicos, comércio, hierarquia, tecnologia ganham forma, e estes são fundamentais para circundar esta pesquisa.

O primeiro capítulo do referido trabalho, é descrever aspectos da África Ocidental durante os períodos iniciais, tentando trazer uma cosmovisão africana onde são sujeitos ativos de sua história, procurando sempre mostrar a multiculturalidade e dinâmica dos grupos africanos, estabelecendo rotas comerciais que atravessaram o Saara, proporcionando o surgimento de Gana, Mali e Songai, assim como políticas de Estado ligado diretamente ao comércio.

A partir das grandes navegações, o contato com outros povos vai ser possível, desta forma, o aparecimento de relatos produzidos por viajantes vão ser fontes indispensáveis para o estudo de diversas sociedades Áfricas, e elas vão estar inseridas no segundo capítulo para conseguirmos ter uma visão mais nítida de Mali, autores como Alberto da Costa Silva (2011) e J. ki-Zerbo (2009) ajudaram a complementar essa cosmovisão do segundo capítulo.

Contudo, uma história sobre a África livre de estereótipos é fundamental para que um prisma verídico sobre ela circule nas rodas de conversas, com isso o reconhecimento e auto aceitação sobre nossa história como descendentes de pessoas negras que construíram impérios no qual se perpetua durante o tempo, é o meio ideal para chegarmos ao nosso viés.

# 1 África Negra

## 1.1 Visões Eurocêntricas

As relações entre a Europa e África no século XVIII vai abrir um palco para debates que trarão controvérsias sobre o tráfico negreiro, pensadores que vinham de encontro com a vertente do iluminismo e de tal forma, influenciados pela revolução industrial e científica, exploraram que as sociedades na qual não faziam parte do mundo europeu não tinham história, o se tinham não eram dignas de ser estudada, pois, tais mentalidades acreditavam que a Europa era soberana tanto nas relações de poder, comerciais e riquezas, logo o foco de pesquisas teriam que ser somente sobre o mundo europeu e as demais histórias que colidiam com ele, assim todas as outras eram insignificantes.

Dessa forma, os povos africanos se tornaram objetos de sua própria história e não os sujeitos. O contato que se tinha com a África no primeiro momento foi através do comércio. O continente africano foi usada como fonte no século XVIII e XIX como objeto para o estudo da forma e de como se inicia as civilizações "modernas".

De tal causa, as conquistas sobre o continente africano e grupos étnicos distintos tiveram que ser justificadas, por isso foram explanadas através de estudos, segundo FAGE (2010, p. 10): "[...] as considerações hegelianas foram reforçadas pela aplicação do princípio de Darwin. O resultado sintomático disso tudo, foi o aparecimento de uma nova ciência, a Antropologia" tal ciência, vai trazer a cerne o estudo de culturas e sociedades "primitivas" e que não se tem uma história importante.

A exploração do continente africano recai sobre ele uma imagem de miséria, preconceito e povos passivos, pode-se perceber que essa visão ainda se perpétua atualmente. O quão pouco que ainda conhecemos sobre a África é vista nessa forma.

Nos dias atuais, os historiadores tentam tirar através dos estudos, essa visão ignorante que ainda se remete sobre a África, para que a verdadeira surja, de um povo que sofreu exploração, opressão, mas que também lutou, fundou impérios, possuindo

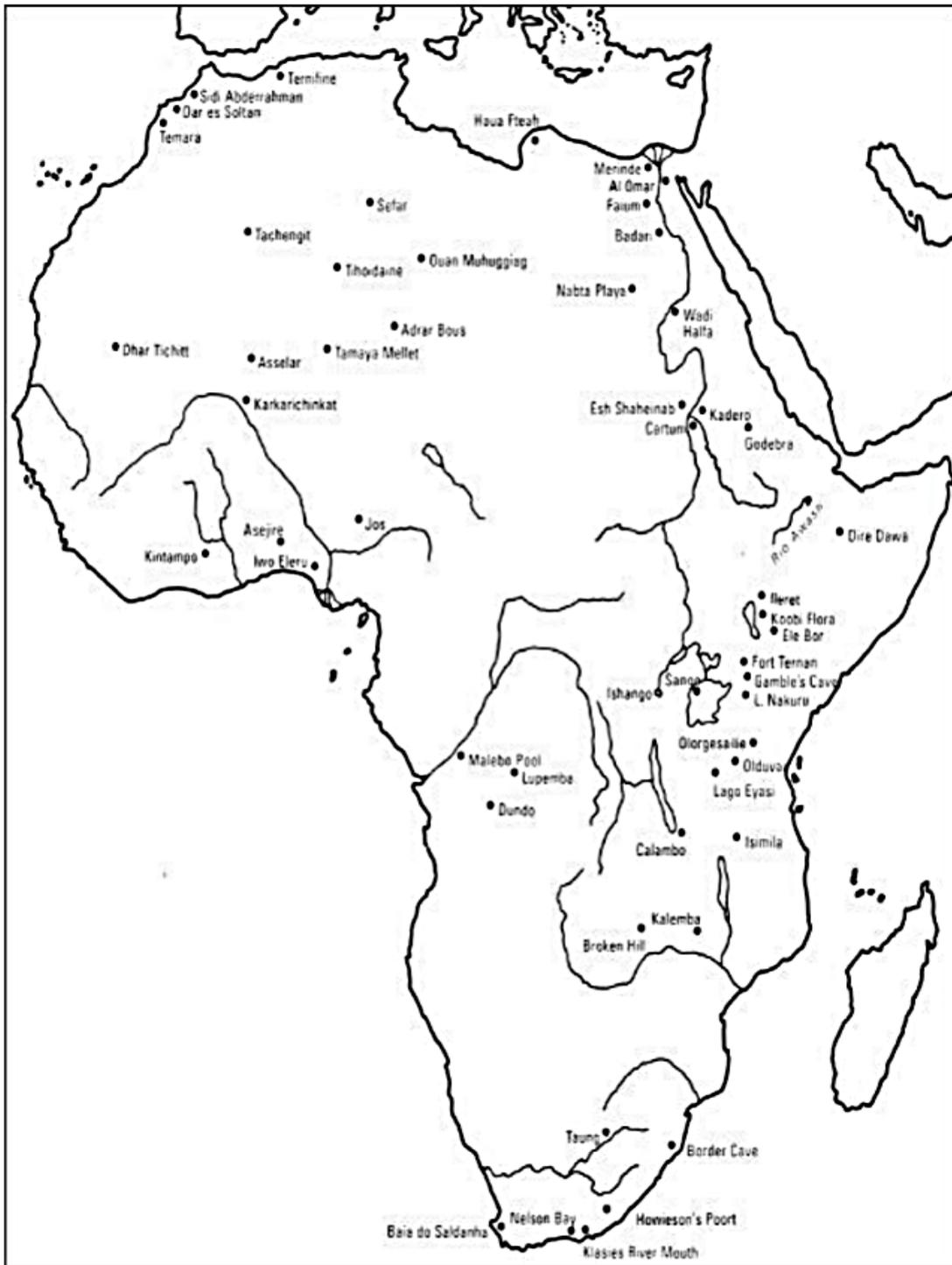
um extenso comércio que possibilitou trocas culturais em diversas regiões e civilizações. Algumas questões, como a da exploração influenciaram na produção de documentos, isso pode ser contemplando e contribui para a visão de miséria sobre o continente africano, onde não se havia e nem poderá haver organização. Com isso, chegou o momento de tentarmos mudar o prisma história, trazer a cerne um olhar onde o africano é o sujeito, para que certos discursos ditos oficiais mudem.

As fontes mais encontradas sobre essa temática são relatos de viajantes, mapas, guias e escritas religiosas, a mais usada para de ter um olhar diferente sobre a 'África Medieval' é o relato de viagem do Ibn Battuta.

Os estudos e as fontes sobre o continente africano é ligado a três, estão os documentos escritos, a tradição oral e a arqueologia. De acordo com CASTRO e SILVEIRA (2017):

As fontes produzidas sobre a História da África pelos próprios africanos são em menor escala e proporção do que aquelas produzidas por não africanos. Muitas delas são de difícil acesso pois geralmente não foram escritas. E quando são escritas, geralmente partem de um olhar distante dos/as africanos/as, contendo muitas ambiguidades. Algumas descobertas recentes afirmam que muitas fontes ainda não foram descobertas, como muitos manuscritos da "África negra" encontrados nas bibliotecas do Marrocos, da Argélia e da Europa. Tão importante quanto essa descoberta serão as visões que os historiadores irão usar para analisar as novas fontes." (CASTRO, Carlos Ernesto; SILVEIRA, 2017, p. 24).

A tradição oral é muito importante para os povos africanos, é considerado um museu vivo, trazendo em seu cerne uma vivacidade antes não encontrada na história do continente, a palavra vai ter uma representação como transmissora de saberes que possui um caráter sagrado, tangendo uma confiabilidade no conhecimento e tradição "A fala é divinamente exata, convém ser exato para com ela" (QUEIROZ, 2015, s/p). Dessa forma, ela ganha um lugar especial na reescrita de uma nova história da África.



**Figura 1. Principais sítios arqueológicos da África.**

**Fonte: SILVA, Alberto da Costa 2011. A Enxada e a Lança. 2011, p. 63.**

É importante elencar algumas considerações sobre a confiabilidade das fontes, uma delas é a arqueologia, que remete a pesquisa de pinturas rupestre e gravuras em que possibilitam e fornecem evidências do contato da África e a dinâmica dos povos que a constituí. Deve-se ser considerado neste trabalho, que muitas obras que

remetem o continente africano, produzem seu conhecimento baseado nos relatos de terceiros. Uma considerável parte das fontes que envolve o território subsaariano (a partir do século X) vêm justamente de árabes como Ibn Al-Masudi na sua obra *Searas de ouro e minas de pedras preciosas* (947), que discorre sobre o comércio e a mineração entre o império Monomatapa e os árabes. Assim, como o historiador hispano-mulçumano Al-Bakri, em que escreveu a sua obra intitulada *Livro das estradas e dos reinos*, que baseou nos relatos dos comerciantes e viajantes, onde as descrições são minuciosas em relação aos costumes, a geografia e clima, tornando-se uma fonte importante sobre o império de Gana, o comércio transaariano e os almorávidas.

Assim, a reescrita da História ganha forma, tendo sujeitos ativos e não passivos, esse processo é uma forma de desvendar mistérios que circundam a realidade desses povos. Essa visão da África não vai descartar a conexão que havia com os outros continentes, mas ela vai ser exibida como trocas recíprocas, onde sua influência na história geral não serão negligenciados e sim reconhecidos como povos que tem uma cultura rica que influenciou todo o mundo. Deste modo, a reintegração de todo o processo histórico dentro de um tempo linear do continente africano é importante, pois eles têm uma visão de tempo diferente, em que os acontecimentos e as causalidades dão início ao tempo.

Contudo, é aplicado de acordo com normas originais, em que o contágio do mito impregna e deforma o processo lógico; em que o nível econômico elementar não cria a necessidade do tempo demarcado, matéria-prima do lucro; em que o ritmo dos trabalhos e dos dias é um metrônomo suficiente para a atividade humana; em que calendários, que não são nem abstratos nem universalistas, são subordinados aos fenômenos naturais (lunações, sol, seca), aos movimentos dos animais e das pessoas. Cada hora é definida por atos concretos. (KI-ZERBO, 2010, p.50).

Essa visão se desenvolve a partir da história do interior, descartando totalmente os padrões eurocêntricos de ver e empregar valores.

Em relação aos tempos, para os povos africanos esse vai ser algo mitológico, onde é o mito se representa o passado e este vai se desenrolar na vida dos povos e se tornar costumes "Nesta situação o tempo não é a duração capaz de dar ritmo a um destino individual; é o ritmo respiratório da coletividade" (BOUBOU, 2010, p. 24), com isso, o tempo é coletivo, assim com as experiências advindas dele, dado que o passado ganha a forma de ancestrais e abriu um diálogo com os sonhos e rituais.

As ações do presente só vão transcender através de uma conversa com o passado. Essa concepção de tempo só vai mudar, a partir da ideia de acumulação de riqueza e lucro em forma de moedas, pois a visão de que o dinheiro vai ser responsável pela fluidez do tempo ganha forma nas diásporas africanas.

## 1.2 Formação da África Ocidental

A África é um continente que possui história até mesmo antes do contato com o mundo ocidental, segundo Joseph Ki-Zerbo (2010), em sua obra *História da África Negra* deixa implícito que a busca de uma identidade africana foi impulsionada primeiramente pelos jovens desse continente histórico, logo essa narrativa vai ganhar centro nos debates no âmbito acadêmico e até mesmo fora dele, pois é através dela que o sentimento de pertencimento vai começar a se impregnar, conseguindo atravessar o atlântico e chegar aos estudantes, no educador e em diversos grupos sociais.

Logo, falar sobre o continente africano com propriedade pode ser considerado um obstáculo para historiadores visto que, é um tema complexo que envolve uma vasta diversidade, assim como aspectos peculiares tais como, a religião, economia, política, apogeu e decadência de vários impérios africanos, devendo sempre lembrar que a África é o berço da humanidade.

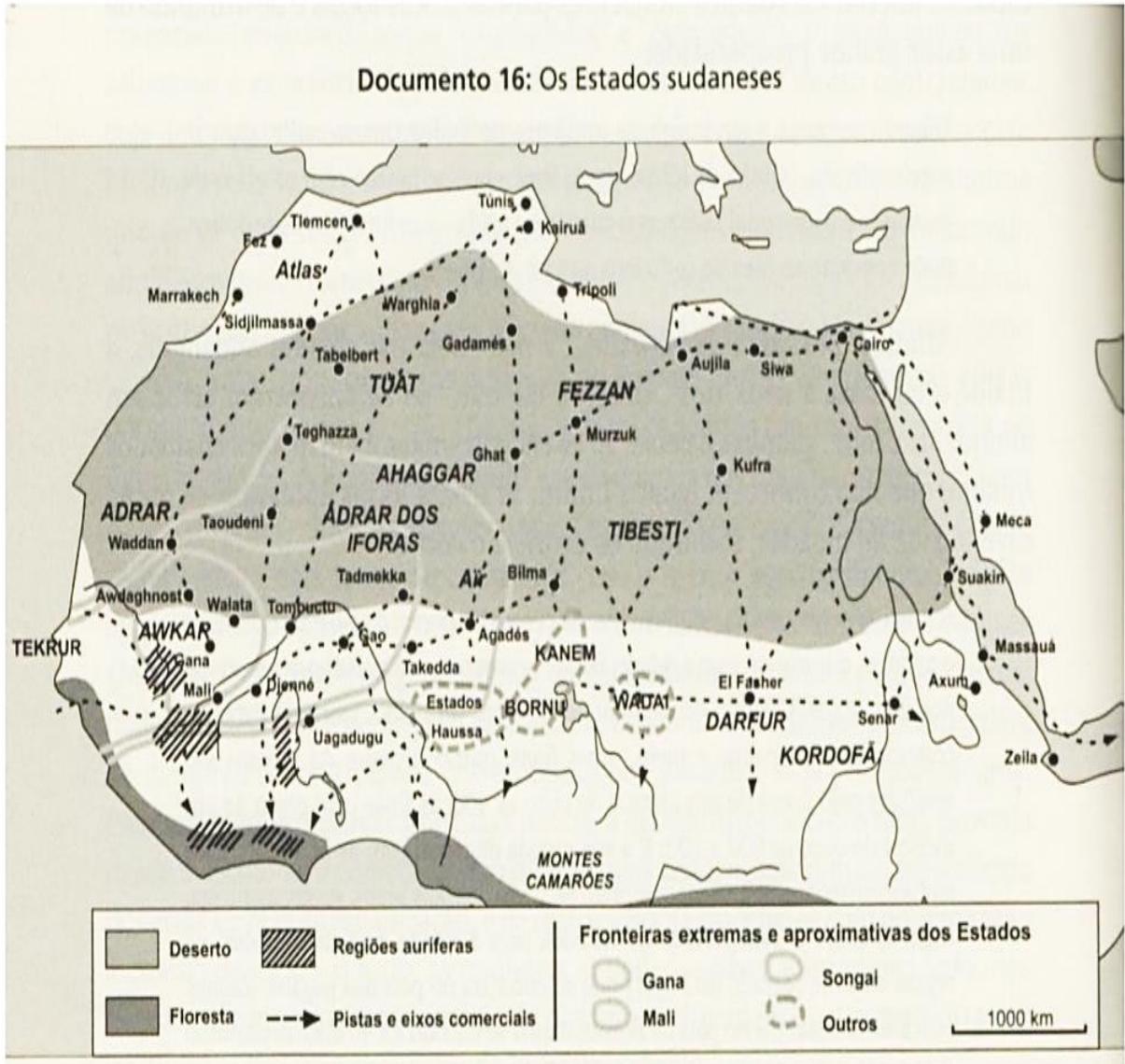
De tal forma, novos estudos feitos vão mostrar um prisma para uma África sem estereótipos e preconceito norteando sua temática, com isso as sociedades africanas Pré-coloniais (ou Tradicionais) despertam diante dos nossos olhos, trazendo consigo povos nômades os quais se deslocavam habitualmente e povos sedentários que fundavam territórios onde conseguiram se consolidar através de impérios bem organizados com um governo complexo, apresentado desde o século IV. Tal feito é exemplificado os Impérios de Gana, Mali e Songai formando as maiores soberanias negro-africanas, como um dos mais organizados militarmente, resistindo a escravização árabe, se estabelecendo entre o Sahel e do Saara.

É importante salientar que a palavra "império" vai ter como característica em sua composição a quantidade de pessoas na sua liderança, ao contrário do império europeu que é relevante as terras sob o domínio do imperador. Outra asserção vai rodopiar em torno do poder, este vai se legitimar a partir das representações e dos costumes ancestrais.

### 1.3 Os Estados sudaneses

Em 16 de junho de 1895 foi criada uma organização intitulada Federação Africana Ocidental (AOF), tendo em sua classificação o Oeste da África até 1960, possuindo o objetivo de estruturar o adentramento francês das colônias no continente. No princípio, fazia parte quatro territórios: Guiné, Costa do Marfim, Sudão Francês (atual Mali) e Senegal; a partir do fim da primeira grande guerra foi reconstituído território que originaram Senegal, Níger, Costa do Marfim, Mali, Benin, Mauritânia, Burkina Faso e Guiné (BRUNSCHWIG, 2004).

Os estados sudaneses têm em seu nascimento uma referência diante o espaço geográfico, uma forte ligadura que remete ao período colonial, onde culturas conseguiram formar reinos e impérios que ampliaram nas extensões desses países através das rotas comerciais. Tendo os principais impérios: Gana, Mali e Songai, que se localizavam nas margens do rio Níger e Senegal.



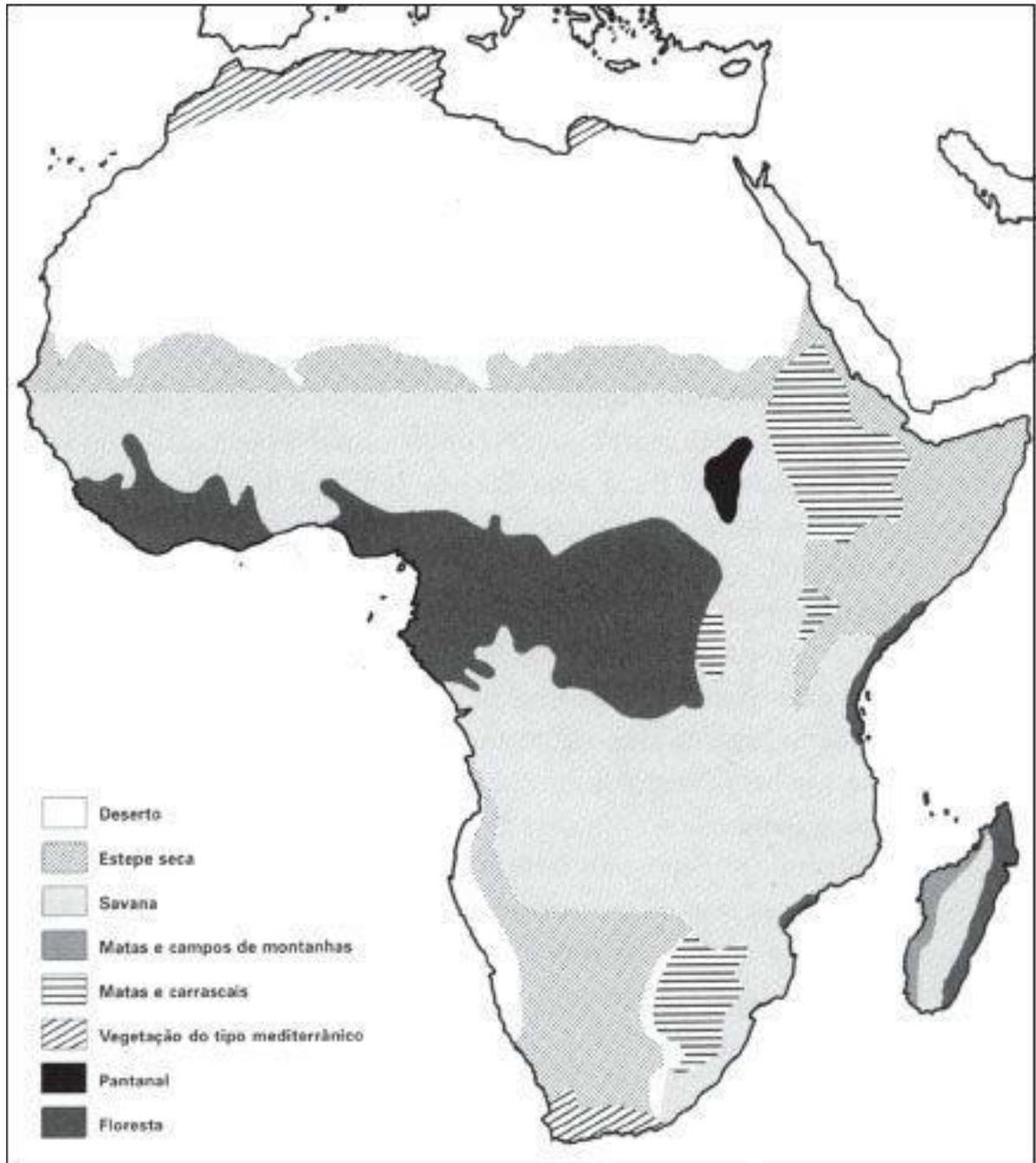
**Figura 2. Estados Sudaneses.**

**Fonte: M'Bokolo, E. África negra: História e Civilizações, p. 128, 2008.**

#### 1.4 Regiões da África Negra

Os primeiros habitantes da África Negra de acordo com M'Bokolo (2009), eram nômades brancos não árabes que poderiam ter rivalidades entre si. Dados arqueológicos apontam que esses grupos estabeleceram inicialmente nessa região, e que foram se misturando a outros agrupamentos de pessoas predominantes negroide, que originou a população saarianas. Mas, especulações norteiam a origem dos Mouros, pois são presentes no Sudão ocidental e Central, assim como a presença da etnia Fula e dos Tuaregues. Tal união data do século VII em decorrência das rotas e

caravanas, conseguindo entrar na região do Sael a datar do período pré-histórico, praticando e desenvolvendo o comércio de ouro e sal no início do século VIII.



**Figura 3. Paisagem Africana**

**Fonte: SILVA, Alberto da Costa 2011. A Enxada e a Lança. 2011, p. 26.**

Sahel é uma palavra árabe que possui o significado de "costa", "litoral", segundo SILVA (2011, p. 32) tem como representação de uma praia no deserto, com as fronteiras que são largas ou curtas de primavera a primavera em detrimento da

chuva "Se estas são boas, o Sael, com suas estepes espinhentas, conquista terras ao deserto e as perde para as savanas. Se são más, o deserto avança para o sul e o Sael também" (SILVA, 2011, p.31).

SILVA (2011) apresenta esta região como um território que há trocas de mercadorias intensas, pois se tem a influência da África negra situada no sul de um lado que vai se conservar as matrizes africanas que o processo vai ser considerado novo, assim como a especialização da agricultura, pastoreio, metalúrgica, pesca e caça pelas etnias dos territórios circunvizinhos e tendo a etnia autóctone como possuidor da terra, repartindo o governo tanto político como militar com as etnias recém-chegados, ocasionando uma política cooperativa; e do outro lado se tem um predomínio dos árabes chamados, África Branca, no norte da África onde o Islã tem forte predomínio e o modo de produção árabe gera economia.

Dessa forma, o homem vai conseguir transformar a paisagem, domesticando plantas e animais, onde o agricultor africano era inovador, pois o clima tropical pede por isso, dessa forma a técnica de plantio sempre mudava devido às circunstâncias, plantando espécies de plantas desconhecidas.

[...] O milho deslocou, em algumas áreas, o sorgo, porque dava duas colheitas por ano. E a mandioca, embora menos saborosa e menos nutritiva que o inhame, instalou-se em áreas por esse dominada, por ser de mais fácil plantio e produzir o ano todo. Se o inhame pode ser guardado em celeiro por muito tempo, a mandioca se conserva na terra até o momento de ser consumida. E também é armazenada em forma de farinha. (SILVA, 2011, p. 39).

A agricultura e a criação de gados na África são atividades distintas onde cada grupo de pessoas desempenhará a função separadamente de forma distinta, um dos exemplos que pode ser citado é na Quênia em que, as tribos são repartidas em duas partes que um grupo é composto de mulheres, crianças e idosos, estas vão praticar a atividade econômica da agricultura e o grupo jovem composto por homens jovens que irão pastorear o gado. Ainda assim, pode ser encontrado tribos em que realizam em larga escala a tarefa de pastoreio ou agricultura, em alguns casos podem até mesmo colaborar entre si, mas um não pode excluir o outro, essa é uma regra segundo Alberto da Costa Silva (2011) os agricultores têm que ter alguma cabras e ovelha, assim como para os pastores o cultivo de cereal, essa regra é feita para que a dieta alimentar se complemente.

O pasto é uma atividade econômica de grande valia, representava um bem de capital, sua carne só era consumida quando a morte fosse natural; sacrificado com a finalidade de um ritual e em festas grandes. Os bovinos eram vendidos em pequena escala, onde não poderia prejudicar o acúmulo de riqueza, assim quem o possuía tinha um status social de poder. Quem não o possuía, poderia ser considerado desmerecedor.

Com o gado compram-se mulheres e se formam as famílias. Quem possuía grande número de bois podia ter muitas esposas. E muitos filhos. E dar e emprestar vacas a outros homens, para que avisassem seus campos ou iniciassem ou aumentassem os seus rebanhos. E fornecer animais para sacrifícios religiosos. E oferecer banquetes, com consumo de carne. Com tudo isso formavam um grande criador o seu séquito político, estabelecia e conservava vínculos de solidariedade e gratidão [...] (SILVA, 2011, p. 50).

Nesse solo tropical, o ferro era encontrado em abundância, até mesmo em crostas ferruginosas, as aldeias tinham seu próprio ferreiro e extraía o minério, em áreas como Tureta (noroeste da Nigéria). Método (Sudão), Montes Pare (noroeste da Tanzânia) se transformaram em grandes centros de fundição e mineração, pois são áreas em que o ferro é de melhor qualidade, com isso as pessoas sempre iam de regiões distantes retirar o minério para trabalhar. Logo, o cobre tem um lugar de preciosidade podendo ter mais valor aquisitivo do que o próprio ouro, visto que se tinha muita demanda que sendo uma das minas em DKra (atual Mali ou Nioro). De aluvião que se encontrava o ouro, ou em minas profundas, uma das mais importantes foi a de Bambuk que se localizava nos limites de Mali e Senegal.

Assim, começou a se difundir a agricultura e urbanização segundo Joseph Ki-Zerbo (2010) no ano de 3.500 a.C. ao século X. d.C. No século III Com a incorporação do camelo no Saara, foi aberto portas para o comércio transaariano, impulsionando o desenvolvimento de Estado e comércios de Cidade-Estado na região do Sahel e ao percurso do Rio Níger fazendo parte de sua extensão, Ghana, Gaô, Tumbuctu, Todmeka, Takkeda e Djenna. Durante o século VII, vamos ter como pano de fundo o islamismo no norte da África e a formação do comércio de percurso de longo alcance trilhando pela rota da Costa do Índico e a África Central. No século VII ao XII o islamismo começara ganhar força na África oriental e ocidental através do comércio, onde vão fundar vários Estados que apresentara como essência o comércio transaariano.

## 1.5 Comércio Transaariano

Vimos acima que o camelo abriu à possibilidade de rotas de comércio transaariano que serão um dos principais meios de locomoção para a expansão dos grupos de pessoas que saiam do Egito para ter o modo de vida nômade no início da era cristã, com isso as rotas comerciais pelo deserto do Saara foram criadas percorrendo sua extensão pelo rio Nilo até o litoral Atlântico.

No seu percurso avistavam escassos oásis agrícolas, assim como grandes extensões de areia e alguns poços. Os Berberes vão ser povos islamizados na região norte da África que faziam parte do comércio transaariano atravessando sua mercadoria através do Saara. Logo, o contato do mundo árabe com os grupos de pessoas da África Negra vai gerar lucros, permitindo os esboços e assentamentos dos impérios.

A posse do dromedário alteraria completamente a vida dos berberes do deserto, permitindo que eles, de certa forma o ocupassem. Deixava o Saara de ser uma espécie de terra de ninguém, para ver-se apossado pelas tribos nômades que conheciam os seus caminhos - marcados pela existência de poços da água e de oásis – e deles cuidavam, desde os litorais nortenhos até as praias do Sael. (SILVA, 2011, p.239).

Assim, as rotas comerciais foram primordiais para que ocorresse a formação de impérios da África ocidental, com a ajuda de Níger que formou vários povos que se dividiam em pequenos mercados transaariano, onde se havia locais de descanso e trocas de alimentos e grupos de vilarejos agrícolas.

As tribos que se locomoviam através dos camelo se recusavam a ser submissos e obedientes, desta forma eles saqueavam pequenos vilarejos romanos agrícola ao sul da Líbia e Magrebe e as povoações que se localizavam pela faixa de estepes Sahelianas, que se tinha esse nome por se encontrar em Sahel, no cerrado e na savana, ao sul do deserto Bilard Al-sudam, nessa região era essencial a troca do camelo pelo jumento ou cavalo, pois o camelo não conseguia se adaptar a savana, desta forma as mercadoria deveriam ser transferida.



Figura 4. As Rotas Transaarianas.

Fonte: SILVA, Alberto da Costa 2011. *A Enxada e a Lança*. 2011, p. 265.

As rotas de comércio transaariano tinham um lucro abundante, as pessoas que participavam dele e viviam entre Sahel e Saara conseguia enriquecer, às duas mercadorias principais desse comércio eram o ouro e sal, sendo o primeiro necessário para a economia europeia e do oriente, já o segundo era essencial para as populações sudanesas e silvícolas, segundo Alberto da Costa e Silva (2011, p. 256).

O sal era artigo raro. Tanto assim que às vezes, era permutado, em Gana, por igual peso que o ouro. Ou pelo dobro. Graças a ele, até a descoberta das minas auríferas do Brasil, o Sudão foi o principal fornecedor de ouro ao Mediterrâneo, aos mundos islâmico e cristão. Raymund Mauny estima que a produção sudanesa fosse de nove toneladas por ano, sendo a metade proveniente de Bambuk, Buré e áreas vizinhas. Vitorino Magalhães Godinho julga esses números exagerados e propõe que atravessassem anualmente o Saara, antes da chegada dos portugueses à costa da Guiné, umas seis toneladas de ouro. (SILVA, 1996, p.256).

E o autor Mario Maestri (1988) salienta sobre as trocas comerciais que eram fluidas e dinâmicas no território.

O tráfico do ouro através do Saara era bastante antigo. Em torno de 681 de nossa era, a expansão muçulmana chegou às costas atlânticas do atual Marrocos. Sabedores da existência do comércio com o ouro, os mercadores arabizados começaram a enviar expedições mercantis para o sul. Elas levavam sal e produtos mediterrâneos para serem trocados pelo precioso metal. Como era de uso generalizado, as pequenas comunidades agrárias negro-africanas do Sudão Ocidental tributavam a passagem destes mercadores por seus territórios. O controle das rotas comerciais permitia vultuosos ganhos. As sociedades africanas da região haviam alcançado suficiente nível de desenvolvimento para se aproveitarem desta realidade. (MAESTRI, 1988, p.17).

Isto posto, nota-se que ao longo do contato dos povos subsaarianos da África com o norte do continente, aconteceu uma reviravolta, o que antes era um deserto onde representava um enorme obstáculo, se transformou em algo acessível, assim como a domesticação de animais (camelo), impulsionando atividades econômicas e o comércio transaariano, que incentivou a criação de impérios.

O islã vai possuir um papel fundamental para as rotas transaarianas, pois foi a parti dele que elas ficaram mais seguras e confiáveis, possibilitando a criação de impérios que se localizavam perto de lugares possuintes de água em abundância, que estimulavam um agrupamento de pessoas no território

## 2 MALI: UMA COSMOVISÃO FLUIDA NA ÁFRICA NEGRA (XIII-XVI)

### 2.1 A África Negra e a Oralidade

As tradições ancestrais vão ser repassadas para a maioria das pessoas na região chamada África Negra através da oralidade, assim os costumes africanos vão estar entrelaçados a ela, segundo (KI-ZERBO, 2010). A oralidade vai ter um valor profundo, onde vai ser sagrada, a fala vai ser considerada um dom divino.

Desta forma, a oralidade dos povos africanos fará parte da sua identidade e do seu caráter, assim como sua família que vai ser composta por aqueles que tem algum ancestral em comum, com isso todo são vistos como pais e irmãos, essa será o segredo para o perpetuam em toda cultura que remete a diversos povos e grupos étnicos africanos, conseqüentemente vai surgir o sentimento de pertencimento que fortalecera a união e a sensação de proteção tanto no meio espiritual através dos ancestrais como no físico por meio dos membros familiares vivos.

Logo, vai acontecer através da cultura uma união dos povos por meio da religião, pois para os africanos a concepção e a compreensão são feitos a partir da religião, em que terão uma visão religiosa do que o norteia, "[...] O universo visível é concebido e sentido como sinal, a concretização ou o envoltório de um universo invisível e vivo, constituído de forças em perpétuo movimento [...]" (KI-ZERBO, 2010, p. 186). Assim, tudo vai se ligar no interior dessa unidade cósmica, como o comportamento do homem com ele mesmo e em relação daqueles que estão a sua volta, a solidariedade vai fazer parte de todos, nessa cosmovisão vai ter um equilíbrio com o meio ambiente, sendo que este não poderia de forma alguma ser violado, dado que provocaria uma perturbação em que, se voltaria contra cada indivíduo. Deve ser importante salientar que tais características dessa vertente podem variar de acordo com cada região e grupos étnicos.

### 2.2 Aspectos de Gana

No século III e IV Gana se originou, segundo SILVA (2011) essa formação ocorreu pela vilarejos Saracolês, se estabelecendo na travessia do Saara ao sul, se

caracterizando por atividades comerciais ligada ao ouro, foi a partir dessa atividade econômica que acarretará o surgimento de cidades. O império de Gana vai ter um formato diferenciado, uma grande influência permeia seus domínios em contra partida sua extensão territorial não vai ser abrangente. A organização política mutável, com a promoção de tributos pagos e uma estrutura social diversificada e dinâmica circundará suas características.

A reação do islamismo culminou para o surgimento de Gana, pois segundo OLIVEIRA (2003, p. 31) "os povos que viviam ao sul do Sudão Ocidental fugiam do processo de escravização, seja migrando para outras regiões, ou se organizando em estruturas estatais como o Império de Gana".

Os berberes vão desempenhar um papel de sujeitos diante a conflitos dado que, poder e controle é a principal meta deles com isso, grupos distintos se espalham e se prontificam em rotas pelo deserto, cobrando taxa pela passagem (entrada/saída) e oferecendo guias e segurança para acompanhar as caravanas, o grupo que dominasse as rotas comerciais, tem o poder e controle.

Essa taxa era paga em ouro, em relação a sua dinâmica social, o rei estabeleceu uma separação entre os mulçumanos e pagãos, cada um tinha uma autonomia sobre os espaços, para que não interferisse no comércio de longa extensão.

A agricultura e pastoreio estabeleceu a especialização do trabalho, permitindo as estratificações sociais, com a meta de desempenhar um controle sobre as rotas do comércio, sendo a exportação de mercadorias algo valioso comparado com a importação. É os Soninke e Mandinga que vão criar e assentar o império de Gana.

[...] Numa região prodigiosa para a produção, a população ganense experimenta certa fartura, não padecendo de miséria e falta de estrutura social. O povo não passa fome - mesmo os camponeses -, e os nobres destacam da população por causa do controle do ouro. (OLIVEIRA, 2003, p. 32).

No âmbito político, a figura do imperador surgirá com o poder religioso e administrativo centralizado, ele terá o título de Grana "Senhor do ouro", as riquezas virão da tributação e do comércio. Os reinos periféricos, se caracterizaram por uma estrutura descentralizada e formas de organização tradicionais. Não havia uma religião hegemônica.

A distribuição que antes era igualitária dos bens produzidos entre os clãs, passou a se desviar dessa estrutura tradicional, a abalando-a, antes era regida pela mentalidade da abundância, com o desenvolvimento muito rápido do comércio e a chegada dos árabes o acúmulo de riqueza vai ser o novo pensamento que norteará. Surgindo um conflito entre pastores e povos sedentários, levando a uma crise política.

### 2.3 Matriarcado e patriarcado na África negra – Gana & Mali

O império de Gana surgirá historicamente em uma passagem que se locomove pela antiguidade e tempos modernos, onde cidades existiam desde a era dos faraós, como Koukia que se localiza na região do Níger, perto de Gão. No noroeste da curva do Níger as ruínas de Gana ganha forma, está foi descoberta por Bonne Ide Mézières e Desplagnes. Perante a história, Gana é conhecida graças a textos de escritores árabes, um desses textos é do Ibn-Khaldoun, que nasceu em 1332 na Tunísia, na sua *História dos Berberestraz* informações sobre impérios negros da África, assim como migrações dos povos de cor branca na região norte-sul.

Ibn-Haoukal comerciante viajante originado de Bagdad (século X) que fez anotações cerca dos lugares que passou, foi a partir dele que *Lês Routes et lês Royaumes* ganhou forma e vida, outra grande Figura que contribuiu para o delineado dessa região é o geógrafo árabe de Espanha Ele Bekri, nascido em 1032, traz informações sobre o império de Gana onde foi fundamental para preencher partes na, qual antes eram obscuras que remete a economia e costumes do povo dessa região. IbnBatouta, nasceu em 1302 em Tânger, este visitou Mali durante a Guerra de Cem Anos (1352 – 1353), conseguiu percorrer Tombouctou, Tão, Oualata e Mali (DIOP, 2014).

A filiação que abrange a sucessão do trono de Gana é a matrilinear; sua dinastia real era Sarakollé Cissé. Há rumores entre o âmbito da história que a dinastia dos Cissé foi antecedia por semitas brancos onde príncipes reinavam antes de Mohamet, tendo 44 reis antes dos Cissé, é importante salientar que não tem fundamentação a partir de documentos sobre tais eventos e que não se deve esquecer que os árabes (antes do Islã e Morahmet) não se tinha uma perspectiva e nem

potencial de expansão, desta forma, esse período era um Estado Negro, assim como o Sudão (Méroé), no qual exercia seu poder na região da Arábia, com isso, não se pode explicar através de léman a origem de uma política capaz de construir um império neste período. Em relação aos Semitas que tinham uma filiação patrilinear em sua composição, conseguiram regulamentar através dos costumes a sucessão ao trono de Gana.

Só em 710, sob a direcção de Obka Ben Nafi, é que os Árabes alcançaram Marrocos e o Atlântico. É verdade que se afirma que durante os séculos I da nossa era, um tribo de Árabes nômades, os Berabich, terão abandonado o lémen para parar na Tripolitânia; daí o facto de, no século II, está de ter estabelecido no sul de Marrocos. Ali terá permanecido, junto dos BERBERES Messoufa, até o século VIII. (DIOP; 2014, p. 62).

Durante este momento, vai ocorrer uma ligação com a África do norte e a África Negra através de Tombouctou, pois foram forçados pelos muçulmanos a chegar ao deserto, no século XVII que estes deram islamizados por Árabes kounta.

Os árabes na África Negra é relativamente recente, teremos duas tribos árabes que adentraram neste território no século XV: Kounta e os Beni Hassan que fazem partes ambiente de Mauritània. Dessa forma, o regime matriarcal de Gana ainda não se pode ser explicado. Mali tinha o mesmo matriarcado de Gana, através dos Malinké, IBN Batouta vai fazer trazer a cerne uma estrutura:

Eles (os negros) nomeiam-se segundo o seu tio materno e não segundo o seu pai; não são os filhos que herdaram dos pais, mas os sobrinhos, filhos da irmã do pai. Nunca encontrei este costume noutra lugar, excepto nos infieis de Malabar na Índia (IBN BATUTA *apud* DIOP, 2014, p. 63).

Desse modo, a islamização, tendo sua influência no ambiente externo e não interno, vão passar por um momento de transição, em que na idade média ela era matrilineares e se tornam patrilineares.

Os autores árabes que nos falam de Gana e do Mandigue (Mali) na época da Idade Média chamaram a atenção para o facto, nestes Estados, a sucessão se transmite, não de pai para filho, mas de irmão para irmã uterino, ou ainda de tio para sobrinho descendente de uma irmã. Segundo as traduções endógenas, os Bambara teria sido os primeiros a romper com esta prática, e é daí que resulta o seu nome - Ban-ba-ra ou Ban-ma-na, significando a separação da mãe -, enquanto que aqueles que pertenciam aos Ouangara, que tinham permanecido fies a velha tradição teriam recebido o nome de Mandig ou Mandé - ma-ndig ou ma-ndé, que significa "filho da mãe". Atualmente, o parentesco masculino ou consanguíneo permaneceu nos Bambara e prevaleceu nos Sarakollé, bem como numa parte dos mandigues ou Malinké; porém, muitos de entre estes últimos continuavam a admitir apenas o parentesco feminino ou uterino, enquanto aqueles que confere o direito da herança, tal como acontece na maior parte dos Peuls e dos Sérèus,

bem como com um número considerável de povos negros do Sudão, da Costa do Guiné e da África Sul-Equatorial. (DELAFOSE, M. *apud* DIOP, 2014, p. 139).

O movimento Almorávida (século X) deu início a islamização da África Ocidental, pois foi introduzido uma consciência religiosa, tendo alçando os príncipes e depois os povos. Assim, ocorreu a degradação e forma lenta da religião tradicional, costumes e modos.

Dessa forma, a filiação patrilinear vai perder forças progressivamente em comparação a filiação matrilinear no século X. Percebe-se que a adoção do sobrenome do pai parece ter influência árabe na África Ocidental "[...] o descendente adotava o sobrenome de um homem, mas o regime era puramente matrilinear [...]" (DIOP, 2014,p.64). Essa configuração só vai deixar de funcionar quando o pai substituirá o sobrenome do tio segundo as práticas islâmicas. O autor Cheikn Anta Diop (2014) salienta que:

[...] a partir da mesma época, a destrabalização era o fato concretizado na África Ocidental: o mesmo é demonstrado através da possibilidade que o indivíduo possui de adotar um sobrenome próprio, de família, e já não relativo ao clã. Nas regiões não destrabalizadas do continente, os indivíduos tem apenas um nome. Quando são questionados acerca do seu nome familiar, estes respondem que pertencem a um determinado clã totêmico, cuja designação só pode ser adotada coletivamente. Só quando os membros do clã se dispersam é que podem conservar individualmente, como lembranças da sua comunidade primitiva, o nome do clã que se torna no seu sobrenome da família". (DIOP, 2014, p. 64).

Contudo, o regime matriarcal circunda a África Negra respectivamente, tendo tal traço sem a possibilidade do descaso do papel paterno na criação da criança, pois se há exemplos na que comprovam, um desses é o culto fálico, onde mostra que os povos arcaicos escolhiam a filiação matrilinear, tendo sempre reconhecido o papel do pai. Então, não terá negligência em relação aos parentes patrilineares pois, a conduta destes é mais severa, dado que o matrilineares não se tem hipocrisia social.

#### 2.4 Mali: da ascensão ao apogeu

Al-Bakri foi o primeiro viajante a mencionar Mali (Mali) e o Reino de Do que os habitantes eram do clã Konde e se localizava no norte do território de Kiri (Manden) seus habitantes eram os konate e keitas. Alguns clãs como kamara possuíam cidades que consideram importantes pela localização, sendo estas Sibi e Tabon, conseguindo a vitória na conquista de toda a margem do rio Níger direita.

Os reinos DO e Malel foram unificados, desaparecendo o nome "DO", com o seu governante de Malel chamado Barmandana ou Sarmandana, foi através do Ibn Khaldun que a localização desse monarca foi encontrada na lista dos reis mandeka (mandigo) chamado mansa Beremun, este se converteu ao Islã, é importante frisar que no século XI e XII os reinos pequenos que se encontravam no alto do rio Níger foram unificados pelos Keitas.

Al-Bakrī, no século XI, foi o primeiro viajante a mencionar o Mali – o qual ele chama de Malel – e o reino de “do” negros Adjemm, denominados Nungharmata [Wangara], são negociantes e transportam ouro em pó de Iresni para outros países. Defronte dessa cidade, do outro lado do rio [Senegal], existe um grande reino cuja travessia exige oito jornadas e cujo soberano porta o título de du [do]. Seu povo vai à guerra armado com flechas. Para além das fronteiras desse país, ha outro, chamado Malel, cujo rei tem o título de AL-Muslimani. (NIANE, 2010, p. 143).

O reino de Mali abrangia toda a África Ocidental sudano-saheliana, os reinos de Mansa Musa I e Mansa Musa Solimão percorria todos esse território, compondo diversos grupos étnicos, conseguindo desempenhar o feito de possuir uma religião diferente de cada povo e a mesma unidade política os abrangendo, flexível devido à extensão do reino

Mali vai ganhar forças com a decadência do império de Gana no século XII, que vai se desenvolver e estender a partir de federações étnicas, a etnia Sosso vai ganhar destaque nesse reino. Segundo Costa e Silva (2011), desde o século VII Gao até o lago Chade o comércio de produtos era intenso como ouro, sal, tecido e gêneros alimentícios. Perambulando pelo norte, se encontrava uma fronteira com a Argélia, compondo um clima árido habitando pelos Tuaregues, já na região do deserto do Saara ao sul, a região é favorecida pelo solo fértil devido ao rio Níger e Senegal. Pode-se perceber que tais características se assemelham a Gana, os Berberes e Songais tiveram o contato através do comércio, que estabeleceram interesses tanto econômicos quanto políticos, possibilitando o surgimento de estruturas políticas.

Sua dinastia originária trará a cernelendas místicas que vão norteá-la e se perpetuar. O primeiro que vai remeter as lendas é o chefe Zá Alaimã que vai liderar a região entre os séculos VIII e XI, ao longo do crescimento de Gao, um primordial mercado comercial em que os Songai controlavam o transporte do rio Níger, com o intenso comércio, a ocupação do lado direito foi inevitável, logo aconteceu o estabelecido de capitais mulçumanas e pagãs em que eram distintas entre si.

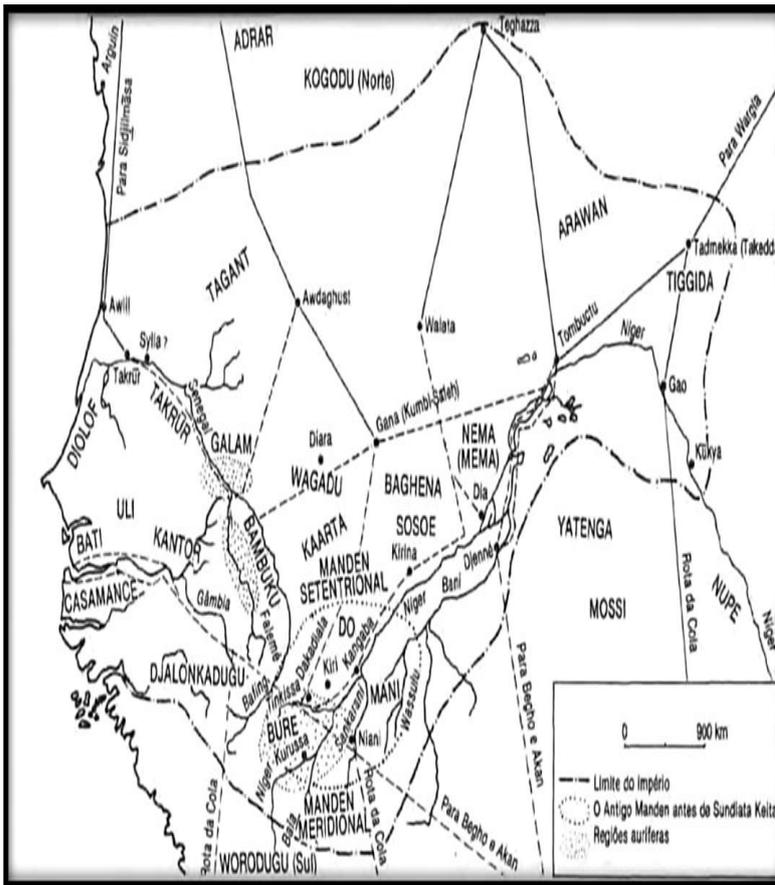


Figura 5. III Mapa do Império do Mali, em 1325.

Fonte: (Niane, D.T. História Geral da África Vol IV, 2010).

Tacur vai se estender até a margem do rio Senegal, este proporcionava uma ligação entre a savana e o deserto e também o litoral do interior. A região dos Sererés tinham agricultores que plantavam milho e pastores nômades que deram origem aos Fula (essa etnia tem uma ampla distribuição do território africano ocidental nos dias atuais).

Os agricultores vão originar os tuculores, tendo um papel importante diante ao islã, pois Tanclu vai ter uma difusão do islamismo. Durante sua expansão do comércio, era imposto a fé islâmica.

Os povos derrotados ou que não se sujeitavam eram transformados em escravos que, posteriormente, seriam vendidos nas caravanas em direção ao Magrebe. Com o declínio de Gana e esgotamento das minas de Bambuk, a degradação das pastagens e a ascensão de Tacur, outros estados foram se consolidando, levando ao deslocamento progressivo das rotas comerciais mais para o sul. Dentro os grupos que se fortaleceram, destaca-se os Sossos, que expandiram seus domínios por territórios mandingas e, segundo as lendas do clã de ferreiros (cantes), Sumanguru Cante teria sido chefe com

grande poder militar que conquistou Gana, e massacrou a família do rei, provavelmente em 1204. (SILVA, 2015, p. 53).

No século XII, vai surgir a imagem do Mansa, que vai ser um soberano com um enorme poder político e religioso, reconhecido pelos demais povos. Segundo Costa e Silva (2011), a população acreditava que ele seria um representante que teria poderes divinos, ou seja, ele era um ser divino que ligaria os homens aos deuses.

Quem fazia essa escolha e a sucessão dos Mansas era os mandingas, em sua linhagem os Queiras se destacavam, algumas tradições orais relatam que se formavam sociedades secretas que nelas compunham esses caçadores e soldados que tinham algum tipo de dom ou poder mágico, eles seriam guardiões das aldeias.

Ao norte de Bamako, atual capital de Mali, é corrente nas sagas mandingas a lenda da batalha entre Sumanguru Cante e Sundiata, dois grandes magos. Este último – cujo grande feito foi derrotar os Sossos e reunir sob sua autoridade vários clãs – tornou-se forte pela concentração de forças, estabelecendo uma organização política mais coesa, sendo reconhecida pelos outros chefes como “Reis dos reis”. Concedeu privilégios aos aliados e deu origem a um vasto domínio: o Mali. (SILVA, 2015, p. 54).

Mali vai ficar com grande parte do império de Gana, é somente o extremo setentrional que não fará parte do seu território, e se estenderá para Disso, Gâmbia, Senegal, Casa manda, Bambuk e Buré, essa vai ser a primeira vez que tal empreitada foi feita na África Ocidental.

Os estados sudaneses são norteados por dinâmicas comerciais a base de trocas, os reinos e impérios tinham uma formação complexa a base de alianças matrimoniais e de guerras.

Em relação à política, a democracia de base era ligada a estruturas compostas por aldeões, com diferentes famílias compostas nesse sistema. As reuniões aconteciam com frequência pelos dirigentes da família, que retratavam todos os empecilhos que a aldeia sofre, com a direção de um chefe da referida região ou um chefe do império dessa forma, a autonomia camponesa e aldeã se sobrepunha.

Na hierarquia do império de Mali, o imperador Mansa tinha como função comandar a guerra e ministrar a justiça. Mas, era governado de duas formas diferentes, onde a primeira o rei tinha o poder na região do centro, já na segunda parte, alguns agrupamentos eram posto como autoridade as outras. Com isso, o reino central se

subdivida em províncias com um governador, e as menores províncias eram liderados pelos Kafo e os Dugu, desta forma os reis desses agrupamentos periféricos aceitavam a soberania do imperador, mas não abdicavam o seu status de rei, tendo que pagar impostos ao imperador.

Deve-se também a estes métodos complexos de organização e de administração dos impérios sudaneses o fato de vários pequenos reinos serem capazes de subsistir até o princípio do período colonial, passando de uma hegemonia imperial a outra e organizando, face aos dominantes, uma mistura de submissão fingida e de autonomia de fato. (M'Bokolo, 2008, p. 162).

Então, os chefes ou governadores atrelados ao império vão desenvolver serviços e dar tributos ao soberano, nessa estrutura o sistema de reféns vai estar atrelado a sua dinâmica política, os filhos dos reis ficam no mesmo ambiente do soberano, com a justificativa de garantir sua formação com a possível sucessão ao trono, que provoca conflitos e golpes no reino.

Segundo Ki-Zerbo (2009), Mali tinha clãs que administravam o império através de um conselho intitulado Gbara, composto de 29 clãs mandingas e 32 membros, onde haviam auxiliado Sundiata no conflito contra Soumaoro Kantè o imperador de Gana, na batalha de Quirina, escolhendo Sundiata, assim ganharam espaço na nova federal, os seus descendentes ganharam espaço no Gbara. A assembleia Gbara foi realizada em Kurukan, próxima de Kangaba:

- a) Sundiata Keita foi solenemente proclamado, “mansa”, (em maninka) ou maghan (em soninke), isto é, imperador, rei dos reis. Cada chefe aliado foi confirmado farin de sua província; apenas os chefes de Nema e Wagadu receberam o título de rei.
- b) A Assembleia decretou que o imperador deveria ser escolhido na linhagem de Sundiata, e que os príncipes escolheriam sua primeira esposa no clã Konde (como recordação do feliz matrimônio de Nare Fa Maghan e Sogolon Konde, mãe de Sundiata Keita).
- c) Decidiu-se que, em conformidade com a tradição antiga, o irmão sucederia ao irmão (sucessão fratrilínea).
- d) Proclamou-se que o mansa seria o juiz supremo, o patriarca, o “pai de todos os seus súditos” – daí a fórmula Nfa mansa, “Senhor, meu pai”, usada por quem se dirigia a ele.
- e) Os Maninka e aliados agruparam-se em 16 clãs de homens livres ou nobres (tonta- dion tani woro), os “portadores de aljavas”

f) Os cinco clãs de marabus – entre os quais os Ture e os Berete aliados desde o início, que participaram já da missão que fora buscar Sundiata Keita no exílio, foram proclamados os “cinco guardiães da fé”, ou mori kanda lolu.

Entre esses clãs, é preciso incluir os Cisse (Sisse) do Wagadu, islamizados, aliados políticos de Sundiata Keita.

g) Os homens que praticavam determinados ofícios foram divididos em quatro clãs (nara nani), entre os quais os griots, os sapateiros e certos clãs de ferreiros. (NIANE, 2010 p. 151).

NIANI (2010) ainda ressalta que os nomes clânicos mandenka conseguirão ligar a outros nomes clânicos de etnias do sudão, mantendo um diálogo com jacosas de parentesco, tal ato conseguiu se pendurar após o falecimento de sudiata, e que possibilitou algumas reduções de conflitos entre a etnia.

Os nomes mandenka foram reconhecidos como correspondentes de nomes clânicos de outras etnias do Sudão; estabeleceram-se relações jocosas de parentesco entre as etnias, prática que perdurou após a morte de Sundiata, e que não raro contribuiu para reduzir tensões entre grupos étnicos.

Para recompensar os barqueiros somono e bozo do Níger, Sundiata deu-lhes o título de “mestres das águas”. Conforme narra a tradição, o imperador “dividiu o mundo”, isto é, fixou os direitos e deveres de cada clã.

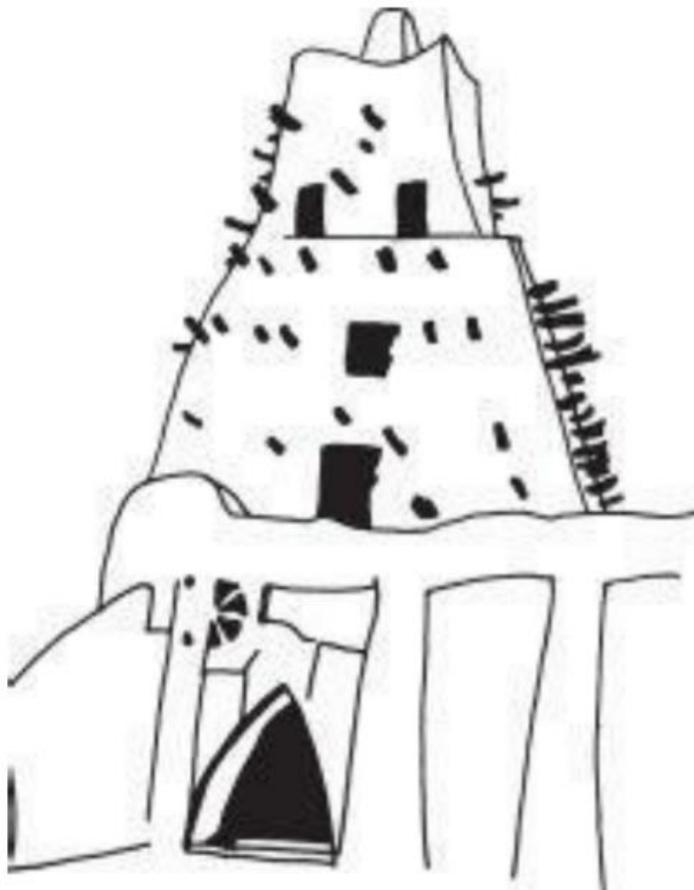
h) Medida especial aplicou-se aos Sosoe: foram divididos entre os clãs de ofício ou castas, e seu território foi declarado domínio imperial. Muitos deles emigraram para oeste. (NIANE, 2010 p. 151).

Segundo Niane (2010) Sundiata conseguiu transformar os sistemas de clãs em profissões hereditárias o que para o período foi marcante.

Algumas versões norteiam a morte de Sundiata na tradição oral, a primeira refere a um destino sofrido um acidente com a flecha e a segunda, um fim trágico teria lhe acometido em forma de afogamento no rio Sancarani. Sua morte trouxe a sucessão de seu filho Mansa Uli, este fez uma peregrinação pelo Meca, o motivo concreto ainda não foi descoberto, SILVA (2011) monta dois possíveis caminhos que possa desaforar a resposta, onde tal peregrinação aconteceu como uma possível estratégia política que consolidada a relação com os mulçumanos ou foi devido ao seu lado islâmico. Durante seu reino, as cidades de Tombouctou, Gao, Guiné, Jenné e Ualata se tornaram parte de Mali.

[...] especialmente Musa I, sucessor de Sundjata, difundiu essa imagem pelo mundo árabe. Em sua peregrinação a Meca, ele fez-se acompanhar de nada menos que 60.000 carregadores e de 500 servidores, todos com vestimentas recamadas de ouro, segurando cada um deles uma bengala também de ouro. No traje, o rei distribuiu tanto ouro que o preço do metal declinou em todo mundo conhecido durante mais de dez anos. (WALDMAN, 2003, p. 182).

Mansa Uli se dedicou em difundir a cultura islâmica e construiu relações políticas com o Egito, que provocou comércio de escravos do eixo Cairo-Sudão Ocidental, que se desenvolveu no Mali o gosto por Mamelucos, castrados turcos, etíopes e moças um comércio de duas direções. As pessoas letradas de diversas regiões foram convidadas a se estabelecer em Mali, com o intuito das pequenas comunidades se transformarem em metrópoles, as mesquitas e prédios públicos foram construídos. Mansa Uli se dedicou em difundir a cultura islâmica e construiu relações políticas com o Egito, que provocou comércio de escravos do eixo Cairo-Sudão Ocidental, que se desenvolveu no Mali o gosto por Mamelucos, castrados turcos, etíopes e moças um comércio de duas direções. As pessoas letradas de diversas regiões foram convidadas a se estabelecer em Mali, com o intuito das pequenas comunidades se transformarem em metrópoles, as mesquitas e prédios públicos foram construídos.



A mais antiga mesquita de Tombuctu

**Figura 6. A mais antiga mesquita de Tombuctu.**

**Fonte: SILVA, Alberto da Costa. A Enxada e a Lança. 2011, p. 226.**

Tombouctou se localiza a 7 km do rio Níger, seu desenvolvimento foi nítido durante o século XVIII pelo Mansa Musa, as rotas de sal e ouro passavam por ela, logo se tornou a cidade tributária de Mali e um centro de práticas islâmicas, foi construído mesquitas e madrasas que segundo Azevedo (1999) é uma categoria de escola ou faculdade que se estuda a religião islâmica e do direito, é importante ressaltar ser nesse centro de estudos islâmicos construído uma biblioteca grandiosa.

Sua localização é de destaque, pois é favorecida tanto pelo deserto como pelo rio, em vista do camelo não de adaptar as savanas, dessa forma as mercadorias era descarregado do animal e continuado sua trajetória pela savana sendo carregados pelos escravos ou transportados pelas embarcações no percurso do rio.



**Figura 7. Santúario dogon. Escarpas de Bandiagra. Republica do Mali.**

**Fonte: SILVA, Alberto da Costa. A Enxada e a Lança. 2011, p. 42.**

A economia do império vai circundar em torno dos impostos pagos pelos ocupantes, da exploração das minas de ouro no sul do império e a extração de sal (ki-Zerbo, 2009). A noz-de-cola, o sal, o ouro, tecidos, peles, plumas, marfim e instrumentos de metal vão movimentar Tombouctú.

A tolerância das religiões locais interligada a estrutura política e administrativa de cada vilarejo que pertencia a Mali, é uma estratégia para que todos tivessem uma vida "harmoniosa", dado que se o rei impuser a islamização poderia interferir no fornecimento e na produção de mercadorias, além de criar conflitos entre os clãs.

Em relação aos hábitos, Mali tinha cerimônias e rituais luxuosos elaborados, sua corte era ornamentada em ouro. O Mansa tinha um modo diferenciado de vestimentas, onde usava adereços de ouro e uma túnica vermelha (mothanfas), seu trono era uma poltrona feita de ébano, ele só comia em segredo, dado que o consideravam um ser acima do humano, quase uma divindade, de tal forma que hábitos como falar em voz baixa e não se dirigir para os súditos diretamente, eram regras que se seguiam rigidamente. Segundo COSTA E SILVA (2011, p. 330) “Diante dele só se chegava de rojo, descalço, vestido de roupas vermelhas ou de farrapos. E se o mansa, por intermédio das ‘línguas’, ao súdito se dirigisse, este jogava areia sobre a própria cabeça e as próprias costas”.

Inicialmente, os habitantes de Mali eram animistas, apesar de serem islamizados está não tinha grande força, não se tinha respeito em relação aos mandamentos do alcorão, principalmente na parte que não se pode ter mais de quatro mulheres. As festas de Ramadã comemorado o nono mês do ano muçulmano, que a lei de Maomé prescreve jejum entre o alvorecer e o pôr do sol e a festival muçulmano Tabaski que sucede à peregrinação a Meca; são grandes comemorações celebradas sem igual, mas hábitos quebravam certas regras que as compunham, sendo o consumo de carne onde é considerado pelo islã práticas impuras e ritos animistas dado que usavam máscaras de aves cobrindo-lhe a face.

Mansa Musa faleceu em 1337, o seu filho Magã assumiu o reino, tal ato provoca uma crise que vai enfraquecer sua soberania seu reinado durou quatro anos, a indícios que sua morte foi tramada pelo seu tio Sulaimã, no qual assumiu o poder e conseguiu restabelecê-lo (AFONSO, 2014).

O processo em que o islã se difundiu e as cidades sofreram transformações continuaram pelo Mansa Sulaimã, assim como a construção de mesquitas que tinha o objetivo de atrair pessoas para que a região conseguisse se desenvolver.

De manto vermelho e boné dourado, envolto de turbante de brocado de ouro, Sulaimã dava audiências. Sentava-se em almofadas de seda, sobe um guarda-sol encimado por um pássaro de ouro, do tamanho de um falcão. Cercavam-no os chefes militares, a pé e a cavalo, a trazerem, nas ocasiões mais solenes, aljavas de ouro e prata, espadas de ouro, lanças de ouro e cristal. À sua volta dispunham-se também os altos funcionários, e grande números de pajens, soldados, escravos, e músicos com tambores, trompas, xilofones e mandolins de duas cordas. Traziam-ser para junto do rei duas eguas ricamente ajaezadas. E dois carneiros, para cortar o mau-olhado. (SILVA, Alberto da Costa, 2011 p. 330).

Ibn Batuta passou por Mali em 1352 e 1353 segundo Maria Solange da Silva (2015), o viajante viu um pouco do reinado de Sulaimã, compareceu aos festivais onde os fies usavam roupas brancas, o rei vinha em cima do dorso do cavalo acompanhado de sua guarda, no relato é descrito gritarem duas falas que remetem a vertentes religiosas distintas “Há um só Deus, que é Alá!” e “Deus é grande”, percebe-se que a presença da religião muçumana e tradicional, sua presença trazia um sentimento de algo místico.

Os festivais de islamização que o viajante presenciou, tinham uma aura de sagrada, os griots ou bardos tinham seus corpos coberto de palha onde dançavam portando na face mascaras de madeira com a representação de aves, dançando e recitando honrarias ao reino, assim como fazendo gestos no qual liga o mansa, os ancestrais, à terra e o povo.

A pirâmide social que compunha Mali era complexa, nela havia Mansa, nobreza, clã dos Queiras, as nações Mandingas e os escravos. Os escravos desempenhavam um papel peculiar, eles eram a guarda pessoal do Mansa.

Dos escravos formava-se a guarda pessoal do soberano. Escravos eram muitos, e dos mais importantes, funcionários da corte. Forasteiros, sem laços com a família da nobreza, vinculados apenas ao dono, tinham eles condições especiais para preencher os ofícios políticos de absoluta confiança do rei. Sujeitos inteiramente a quem tinha pelo mais poderoso de todos os homens, tutelavam-no e por intermédio dele exerciam o mando. Em momentos de crises – e o vimos com Sacura – podiam até mesmo assumir a posição de Mansa. (SILVA, 2011, p. 331).

Os escravos também eram usados para deixar equilibrado os cargos, para que a nobreza não sobrepujasse em quantidade de poder, pois isso iria interferir na

soberania do Mansa. Os ferreiros e Bardos conseguiam se mesclar nas tarefas assim como os escravos, mas estes tinham um ar mágico em sua tarefa. Os ferreiros eram desprezados, consideravam-no como inferior, mas sua tarefa desempenhada tinha um ar místico devido ao fogo e dos metais, o tornado um ser que conhece a magia e prevê o futuro e ler os presságios. O Bardos, tinha um cargo diferente, consistindo em ser o porta-voz, conselheiro, confidente e depositário das histórias e saber tradicional do Mansa.

Apesar desses escravos não conseguirem se libertar, eles compunham as classes dominantes do reino de Mali, mas eram poucos que conseguiam alcançar tal poder. Assim, eles desempenham no reino várias funções, tinha uns que eram soldados, outros que serviam a algum homem livre e trabalhava lado a lado com ele e até mesmo podiam ter a possibilidade de se integrar a sua família através do casamento, dessa forma percebe-se que a escravidão nesta região era diversificada pela multiculturalidade da dinâmica norteadora da sociedade.

O declínio de Mali se deu justamente pelas lutas internas de sucessão pela posse do trono que deveriam ser matrilineares, mas não acontecia, os levantes dos reinos vassalos e o império de Gao também contribuíram para sua derrocada no século XV. Deve ser considerando para que tal fato ocorra, a disputa do cristianismo e islamismo. Assim, o reino começou a se reduzir e sua extensão agora vai se movimentar pelo norte e sudoeste, o comércio do ouro, da cola e do sal era cada vez mais difícil de controlar, vale ressaltar que as minas de sal do deserto haviam se perdido, agora só restavam as praias do Atlântico.

## CONCLUSÃO

O continente africano é o berço da civilização, possuindo um laço forte, pois o estudo do desenvolvimento da evolução da espécie, da biodiversidade se ramifica diretamente a história da África. Esse território possui uma grande extensão territorial, com uma vasta e rica história oral que norteia suas culturas ancestrais, trazendo em sua composição diversos grupos étnicos distintos de si que poderiam guerrear um contra o outro ou viver em harmonia com regras pré-estabelecidas dessa forma, agrupamentos eram formados, nascendo assim impérios africanos. Apesar de ser crucial a história da África, ela ainda é um grande mistério para muitas pessoas.

Desde o nascimento do império de Mali cerca de 1240, foi um império que ganhou autonomia gradualmente e que conseguiu se consagrar sua magnitude, provando que ele tinha leis, multiculturalidade, economia, hierarquia, compondo uma organização estruturada com direitos, deveres, e um viés forte sobre o respeito, assim como a ligação do ser humano e natureza.

Clãs constituintes este reino eram possuidores de conhecimentos relacionados biologia, metafísica, matemática, astronomia e filosofia, assim, observamos que seus habitantes já estavam muito além de um povo sem história, eles têm história e ela é fluida, dinâmica e viva, onde as relações sociais vão se perpetuar.

Grande parte das fontes sobre Mali vai ganhar forma através da oralidade, mais vai existir pessoas que passaram pela região, e trabalhos de autores que descrevem o período de ascensão e seu declínio; é a partir disso que o trabalho ganhará contorno e preenchimento.

Até 1999 os estudos sobre a História da África eram raros, a partir dos PCNs os livros didáticos no Brasil começaram a ganhar contorno sobre a África do 5º até o 8º ano do ensino fundamental, tendo um vínculo; em no mínimo um capítulo sobre o estudo africano. Com a lei nº 10.639 de 2003 foi tornado obrigatório o ensino de história da África nas escolas pública e particulares. Desse modo, a magnitude e o espaço da história do continente africano vai começar a ganhar espaço onde o africano é o sujeito de sua história.

Um dos grandes pontos a respeito da aplicação dessa lei é justamente a desconstrução de estereótipos que circunda a África e seus povos, vista que sua história foi distorcida durante todo o seu percurso, conhecida só o eurocentrismo onde o europeu é o grande desbravador e salvador desses povos.

É importante salientar, que o ensino em relação à História da África e Cultura Afro-brasileira deve fazer com que os alunos se auto identifique como componente de uma matriz africana forte, insubmissa, na qual é detentora de uma vasta cultura e conhecimentos empíricos, que vem agora à tona, pois estes foram silenciados e discriminados perante a educação.

Esse silenciamento e invisibilidade criou enormes barreiras que agora estamos lutando para ultrapassar. A educação é o principal instrumento para a conscientização das pessoas.

Contudo, é nítido diversos modelos e padrões sócias que formam a organização do povo, no qual eram formadas por simples que se tinha um chefe e complexos onde se tinha uma hierarquia a ser seguida. Estabelecendo contato com outros povos, firmando comércios e rotas; assim como dar ênfase a valores que na atualidade é raro de se encontrar, sendo a oralidade, dado que esse tem um peso enorme sobre aquilo que profere, compondo sua identidade. Portanto, existem várias Áfricas em uma, os aspectos culturas e sócias que norteia seu povo deve ser visualizado com uma cosmovisão africanalista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUBOU HAMA e J. KI-ZERBO. Lugar da história na sociedade africana. In: BRASIL. JKI-zerbo. Unesco (Ed.). História geral da África: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. Brasília. 2010. Cap. 2. p. 23-36.

BRUNSCHWIG, Henri. A partilha da África negra. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DIOP, Anta Cheikh. A unidade cultural da África negra: esferas do matriarcado e patriarcado na antiguidade clássica. Ed. Reler África, 2014.

GIORDANI, M. C. (2007). História da África anterior aos descobrimentos. Petrópolis: Vozes.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). História geral da África I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

HOBBSAWAM, Eric J. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade/ E.J. Hobsbawam; (tradução Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino), - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KI-ZERBO, Joseph (Org.). História geral da África I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

KI-ZERBO, J. Para quando a África? Rio de Janeiro: PallaVo, 2009.

MAESTRI, Mário. História da África Negra – Pré-colonial. Série Revisão 31. Mercado Aberto.

M'BOKOLO, Elikia. África negra: história e civilizações. Tomo I (Até o século XVIII). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

NIANE, D. T. História Geral da África Vol IV. Brasília: UNESCO, 2010.

OLIVEIRA, M. E. (2013). Cadernos Penesb - Periódico do Programa de educação sobre o Negro. Rio de Janeiro - Niterói: Ed. Alternativa/EdUFF.

OLIVEIRA, David Eduardo de. Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendentes. Fortaleza, CE:L. C. R., 2003.

PANTOJA, S. (2011). Uma antiga Civilização Africana. Brasília: Universidade de Brasília.

QUEIROZ, Igor. Formas africanas de lidar com o passado: oralidade, mitos, ritos, tradições. In: Introdução aos estudos africanos e da diáspora. Florianópolis: UDESC, 2015. No prelo.

SILVA, Alberto da Costa e. A enxada e a lança: A África antes dos portugueses/ Alberto da Costa e Silva. – 5.ed., ver.eampl.-Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, Solange Maria da. Para além do exótico: as ciências na África: da história do ensino. São Paulo, 2015.